



<https://doi.org/10.51880/ho.v26i3.1410>



## “História oral como experiência”: uma leitura sobre desafios, potencialidades e inovações metodológicas

Luiza Porto de Faria\*

ORCID iD 0009-0001-1621-0737

Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil



ROVAL, Marta Gouveia de Oliveira; SANTIAGO, Ricardo (Org.). *História oral como experiência: reflexões metodológicas a partir de práticas de pesquisa*. Teresina: Cancioneiro, 2021.

\* Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) com orientação da Profa. Dra. Viviane Trindade Borges. E-mail: luizapfaria@gmail.com.

Michael Frisch escreveu que a história pública não é “uma via de mão única” (Frisch, 2012, p. 61). Assim, o autor questionou a dicotomia entre academia e público, bem como a oposição entre produtores e receptores, que sugere uma forma unidirecional de comunicação. Não mais uma história feita *para* o público, mas *pele e com* o público. A análise da coletânea *História oral como experiência: reflexões metodológicas a partir de práticas de pesquisa*, publicada pela Cancioneiro em 2021, corrobora a ideia central do texto de Frisch (2012). Isso porque os dez capítulos do livro demonstram como a construção do diálogo entre pesquisador e colaboradores permite o surgimento de novas sensibilidades na produção do saber. Através de diferentes abordagens de pesquisa, os autores reunidos se dedicam à reorientação da escrita da história em direção ao real compartilhamento da autoridade.

Essas considerações denotam a importância da coletânea organizada por Marta Rovai e Ricardo Santhiago. Ao percorrer os dez capítulos, o leitor depara-se com uma “bagunça na cozinha” (Frisch, 2012, p. 65) fruto do esforço de pessoas trabalhando juntas. Por exemplo, no Prefácio, Robson Laverdi argumenta que o praticante de história oral não deve ser apenas um mensageiro das entrevistas. Ele enfatiza que essa prática possibilita um diálogo transversal entre o pesquisador e os entrevistados, aberto a diversas possibilidades.

De maneira geral, o livro se apresenta como uma exploração das narrativas, destacando as potencialidades da história oral em diversas temáticas. Carla Porto, em “Sobre metodologia e a escuta como lugar sensível”, analisa a dinâmica entre quem fala e quem escuta, assim como Marta Rovai em “História Oral como desoutridade: uma reflexão a partir do encontro com mulheres transexuais e travestis”. Ambas as autoras enfatizam a história oral como uma ferramenta de ação social, ressaltando a importância do “lugar de escuta” para que os narradores se sintam ouvidos e compreendidos. Seja por meio das narrativas de antigos pacientes de asilos-colônia destinados a internar compulsoriamente pessoas atingidas pela hanseníase ou através das falas de mulheres transexuais e travestis, os primeiros capítulos problematizam a relação entre pesquisadores e sujeitos subalternizados, destacando a relevância da escuta atenta do historiador para desnaturalizar lugares sociais e identitários.

De maneira análoga, os capítulos subsequentes, como “‘Experiência de emprego é prostituição!’ Os mundos do trabalho entre travestis e transexuais amazônicas (1970 até metade do século XXI)” de Lauri Silva e Michele Lima e “História Oral, método e epistemologia: caminhos descolonizadores na pesquisa com prostitutas” de Amanda Calabri, também ressaltam a dimensão social da história oral, que possibilita a reunião de diferentes alteridades. Até esse ponto, o livro ilustrou como a multivocalidade é alcançada ao colocar os narradores no centro do diálogo e ao incorporar formas não institucionais de história e memória (Santhiago, 2011). Tanto o capítulo escrito por Lauri Silva e Michele Lima quanto a experiência de Amanda Calabri abordam temas tradicionalmente marginalizados pelos discursos oficiais, como as desigualdades e as violências enfrentadas por mulheres no Brasil, incluindo transexuais, travestis e

prostitutas.

Outro ponto que todas as experiências de pesquisa apresentadas no livro têm em comum é a característica de surgirem a partir de uma colaboração conjunta permeada por negociações e debates éticos. Esse aspecto está diretamente relacionado à reflexão de Valéria Magalhães, que questiona quais são as “boas práticas” em história oral diante da exigência das universidades para a submissão de trabalhos em história oral aos Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs). No texto “A discussão sobre ética em história oral: atuais perspectivas e os comitês de ética em pesquisa”, a autora salienta que a ética, conceito distinto da moral (Santhiago, 2010), deve ser considerada dentro da história oral brasileira, abrangendo dimensões do fazer científico das Humanidades no tempo e no espaço.

Nessa perspectiva, é possível refletir sobre os desafios e as potencialidades que acompanham a metodologia da história oral. Conforme apontado por Fernando Sossai em “História Oral e pesquisa histórica com fontes em outros idiomas: notas de uma experiência”, o historiador oralista enfrenta tarefas árduas ao longo das trajetórias de pesquisa, mas também se depara com inúmeras possibilidades de construção e divulgação de narrativas.

Uma das potencialidades diz respeito à apresentação de diversas representações da memória (Ferreira, 2002) – seja através da expansão do conhecimento histórico por ferramentas digitais, conforme colocado por Daniel Saraiva no último capítulo intitulado “Produzindo história oral para meios digitais: a memória da música brasileira na internet”, seja pela ampliação da compreensão do que são as fontes orais, como Gabriel Amato e Miriam Hermeto sugerem. No capítulo “Entre a História, as estórias e os gestos: performance narrativa em entrevistas de história oral”, os autores destacam a possibilidade de explorar as interações entre a História, as estórias e a história oral. Apontam também o uso do conceito de “performance narrativa” como forma de buscar as particularidades das narrativas e os significados da narração, indo além do simples conteúdo informativo.

Finalmente, vale ressaltar a experiência de Roberta Smith no ensino fundamental de História, cujo projeto visou analisar a preservação, construção e fortalecimento de identidades individuais e coletivas, enfatizando a necessidade de superar a concepção que associa a História à busca pela verdade. Essa perspectiva permeia todos os capítulos do livro, caracterizando a concepção do passado como uma construção do presente.

Como um todo, os artigos compilados promovem a valorização de narrativas individuais e contribuem para uma visão mais inclusiva e diversificada da história. Isso é evidente na pesquisa de Ricardo Santhiago e Joana Barros, intitulada “Vontades conflitantes de memória: história oral, demanda social e construção de acervos”. No texto, os autores discutem as reivindicações por um espaço de memória na Zona Leste de São Paulo e o poder simbólico dessas instituições na construção da memória pública. Esse debate revisita as discussões abordadas desde o início do livro sobre os limites da produção histórica e os compromissos éticos que os praticantes de história oral devem

assumir.

Devido à relevância dos temas abordados, o livro é considerado uma leitura essencial para compreender tanto os desafios quanto as potencialidades da história oral em diálogo com a história do tempo presente. No seu conjunto, a obra oferece uma análise de trajetórias em história oral que não apenas inovaram, mas também ampliaram perspectivas metodológicas, destacando o diálogo transversal e as escutas sensíveis. Por essas razões, a coletânea *História Oral como experiência: reflexões metodológicas a partir de práticas de pesquisa* é enfaticamente recomendada para aqueles que procuram uma leitura provocativa e relevante na contemporaneidade.

## Referências

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 314-332, jul./dez. 2002.

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única ou De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 57-71.

SANTHIAGO, Ricardo . Each one on its own square, or Please don't talk about ethics: Some unaccountable misconceptions of (a certain) oral history in Brazil. *Oral History Association 44th Annual Meeting*. Atlanta: OHA, 2010.

SANTHIAGO, Ricardo. Palavras no tempo e no espaço: A gravação e o texto de história oral. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de (Org.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 97-108.

Recebido em 14/11/2023

Versão final reapresentada em 01/12/2023

Aprovado em 01/12/2023

**Fonte de financiamento:** nada a declarar.

**Conflito de interesses:** nada a declarar.